DESAFIOS ENFRENTADOS PELOS DOCENTES PARA A APRENDIZAGEM DE UM SEGUNDO IDIOMA

LURIAN DE SOUZA SANTIAGO ARALDI MARTINS

RESUMO
O presente artigo tem como objetivo apontar os maiores desafios apresentados pelos docentes na aprendizagem de um novo idioma na realidade educacional de nosso país, sobretudo na rede pública de ensino. O tema abrangerá o impacto das questões culturais, sociais e pessoais neste importante processo de aprendizagem. Para tanto, dados históricos e contemporâneos, assim como publicações, livros e citações pertinentes ao tema serão utilizados como metodologia de pesquisa. Também, analisará algumas informações importantes acerca do trabalho promissor e exemplar que acontece em uma das unidades educacionais da zona norte da cidade de São Paulo e que tem grande relevância no que diz respeito ao acolhimento de imigrantes e à aprendizagem de idiomas. Ao final do artigo será possível ampliar a compreensão sobre os benefícios e a importância da aprendizagem de uma segunda língua, analisar as dificuldades do processo e considerar estratégias de enfrentamento pertinentes.

Palavras-chave: 1. Idioma; 2. Desafio; 3. Aprendizagem; 4. Segunda língua; 5. CIEJA;

INTRODUÇÃO

O que nos remonta a palavra aprendizagem? Ela nos desperta a ideia de algo prático ou teórico? Simples ou elaborado? Fácil ou difícil? Inspirador ou cansativo? Uma das grandes verdades da vida é a de que iniciamos um processo ininterrupto de aprendizagem desde a nossa concepção.

Ainda no útero da mãe, o bebê é capaz de perceber vibrações do som e registrar sensações importantes em sua memória. À medida que cresce e se desenvolve, multiplica o que aprende e suas formas de aprender. É durante as experiências que vivencia, que se torna capaz de definir o que é para si a aprendizagem. Podemos entendê-la como um processo particular de construção e reconstrução que, de acordo com Silva (2003): "A aprendizagem não ocorre pela simples transmissão de algo que está fora. A aprendizagem é um fenômeno interpretativo da realidade e que requer o ato de construir e reconstruir a todo instante. A aprendizagem não pode ser comparada à reprodução da realidade ou à passividade; depende do desequilíbrio cognitivo que é encontrado nos processos de interação e das ações dos sujeitos sobre os objetos do conhecimento. O ato de aprender pede experiência, autonomia, reflexão, diálogo, construção coletiva, criatividade e abertura ao novo. Os adultos aprendem quando o assunto possui um valor imediato, uma utilidade para enfrentar problemas reais de sua vida pessoal e profissional. Os alunos aprendem por meio das trocas de informação e não somente recebendo informações. Em decorrência disso, a aprendizagem do adulto é centrada na aprendizagem e não no ensino, uma vez que o adulto determina o seu caminhar, ele é o agente de seu próprio saber e decide sobre o que aprender. Com o estudo da andragogia, a aprendizagem procede mais da participação em tarefas e das trocas de experiências entre os seus pares. A aprendizagem é uma construção coletiva e permanente, que clama por solidariedade, amorosidade e responsabilidade com o outro [Freire, 1996]."

Partindo desta premissa, é preciso encarar de forma positiva todo e qualquer processo de aprendizagem. No que diz respeito ao nosso objeto de estudo, a aprendizagem de um novo idioma, ele é benéfico e necessário. Aprimoramento da memória, da percepção, desenvolvimento de habilidades "multitarefa" e melhora na tomada de decisão, são apenas algumas das muitas vantagens cognitivas de se aprender uma segunda língua. Além destes, são muitos os benefícios sociais e profissionais atrelados ao processo, permitindo o desenvolvimento e a participação nas práticas de linguagem de um mundo globalizado.

No Brasil, a Lei que nos norteia nesse sentido é a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB n°9.394/96, art. 26, §5) que determina o ensino de uma LA no currículo

da Educação Básica a partir do 6° ano do Ensino Fundamental e define que:

Os currículos do Ensino Médio incluirão, obrigatoriamente, o estudo da Língua Inglesa e poderão ofertar outras línguas estrangeiras, em caráter optativo, preferencialmente o Espanhol, de acordo com a disponibilidade de oferta, locais e horários definidos pelos sistemas de ensino (BRASIL, LDB, art. 35, § 4°, 1996).

No entanto, a realidade da educação brasileira nos mostra que há muitos desafios ao aprendizado de uma língua adicional, essencial à formação do cidadão crítico. O apontamento sobre alguns destes desafios e a reflexão sobre estratégias de enfrentamento é o que consideraremos a seguir.

DESAFIOS

QUESTÕES CULTURAIS

Segundo Blanca (2023), o português é a nona língua mais falada em todo o mundo. No continente americano, nosso país é o único a tê-lo como idioma oficial, juntamente com a Língua Brasileira de Sinais. É considerada uma língua neolatina, própria e independente, formada da mistura do latim vulgar, da influência árabe e das tribos que viviam na região de origem, estando altamente conectada ao idioma galego.

Em caráter mundial, em função da influência da colonização de Portugal, o Brasil é um dos nove países que a tem como língua oficial, sendo eles: Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique, Portugal, São Tomé e Príncipe, Timor Leste e Guiné Equatorial. Dados oficiais apontam que somos mais de 214 milhões de brasileiros falantes da língua no país e há cerca de 274 línguas indígenas, como prova da diversidade linguística de nosso território.

Apesar de toda essa diversidade, aprender uma segunda língua para nós brasileiros se constitui um verdadeiro desafio. Embora a busca para aprender outros idiomas tenha aumentado consideravelmente em anos recentes, falar dois ou três idiomas não faz parte da vida cotidiana para nós, como acontece em muitos países. Infelizmente, são muitos os obstáculos para o ensino e aprendizagem de línguas no Brasil e, falar sobre eles, nos permite refletir em que práticas adotar para modificar esse cenário.

Como ponto de partida, é preciso considerar que "O conhecer tem gênese nas relações sociais, é produzido na intersubjetividade e é marcado por uma rede complexa de condições culturais" (GÓES, 1997, p. 23).

Um grande empecilho a este conhecimento, é o fato de, historicamente, não termos a cultura da educação bilíngue incentivada na infância, período considerado mais favorável para dominar a gramática de uma língua tradicional. Para muitos, aprender uma segunda língua é considerado luxo, não necessidade. Tal conceito não leva em conta o que defende (Gonçalves, 2003, p. 70):

o contacto permanente e intensivo com a língua (...) desenvolve nas crianças competências comunicativas, linguísticas, metalinguísticas, cognitivas, fonológicas, a criatividade, o espírito crítico, o gosto pela leitura, enfim, todos os elementos que farão da criança um bom leitor, ao mesmo tempo que eleva o seu nível de desenvolvimento.

Ainda assim, infelizmente, muitas vezes é apenas na fase adulta que se tem consciência da importância e os benefícios atrelados a tal aprendizagem.

Ainda que tal aprendizagem seja incentivada ou, caso decidamos que é o momento de começar a aprender, nos deparamos com outro desafio. Encontramos pelo caminho uma ampla gama de métodos equivocados com processos genéricos que pouco inspiram. A realidade de nossa sociedade é constituída por um universo de escolas com métodos defasados, níveis despadronizados e pouca atenção para necessidades e interesses individuais. Além disso, por causa da vulnerabilidade social, são poucos os que acreditam que precisarão falar um segundo idioma.

QUESTÕES SOCIAIS

No mundo em que vivemos, aprender outra língua vai além dos benefícios cognitivos. Pode abrir portas para oportunidades de estudo e trabalho, sendo capazes de modificar a realidade do indivíduo, de sua família e de sua comunidade. No entanto, ao observar a triste realidade de nossa sociedade, marcada pela pobreza, desigualdade social, pelo desemprego, saúde e educação precárias,

podemos pensar estarmos preparados para o mundo globalizado que vivemos?

No que tange à nossa legislação, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação determina o ensino de ao menos uma língua estrangeira no Ensino Fundamental II e no Ensino Médio. Há também uma lei de 2017 estabeleceu a oferta da língua inglesa no ensino fundamental a partir do sexto ano. O Ministério de Educação prevê que o Quadro Europeu de Referência para as Línguas (QECR), utilizado como base para a elaboração dos programas referentes às línguas, descreva:

(...) exaustivamente aquilo que os aprendentes de uma língua têm de aprender para serem capazes de comunicar nessa língua e quais os conhecimentos e capacidades que têm de desenvolver para serem eficazes na sua atuação. A descrição abrange também o contexto cultural dessa mesma língua (Conselho da Europa, 2001, p. 19).

No entanto, segundo dados do IBGE, o Brasil ainda tem 46% da população com mais de 25 anos que não possui a educação básica completa e, 9,3 milhões de brasileiros ainda são analfabetos, a maioria com mais de 40 anos de idade. Como promover então o ensino de uma segunda língua, quando uma parcela tão grande de nossa sociedade não foi alfabetizada nem mesmo em nosso idioma oficial?

Ainda há a questão de quão eficaz é o ensino da língua estrangeira, especialmente nas escolas públicas. Apesar da previsão legal, muitos cursos ficam muito além do desejado, apresentando problemas oriundos da falta de investimentos, da não utilização de metodologias adequadas, da desvalorização e despreparo por parte dos educadores, de tecnologias obsoletas e de políticas públicas mal dirigidas. Na prática, o aluno conclui o processo educativo sem adquirir o conhecimento e a habilidade necessários para efetiva comunicação. É como indicam os Parâmetros Curriculares Nacionais de língua estrangeira do ensino fundamental:

A primeira observação a ser feita é que o ensino de Língua Estrangeira não é visto como elemento importante na formação do aluno, como um direito que lhe deve ser assegurado. Ao contrário, frequentemente, essa disciplina não tem lugar privilegiado no currículo, sendo ministrada, em algumas regiões, em apenas uma ou duas séries do ensino fundamental. Em outras, tem o status de simples atividade, sem caráter de promoção ou reprovação. Em alguns estados, ainda, a Língua Estrangeira é colocada fora da grade curricular, em Centros de Línguas, fora o horário regular e fora da escola. Fora, portanto, do contexto de educação global do aluno. (BRASIL, 1998, p. 24)

Para o educando que sonha em investir em seu aprendizado, além da precariedade do ensino, há também a precariedade financeira, que muitas vezes não permite o acesso a formas mais eficientes de aprendizagem. Segundo levantamento realizado pela Associação

Brasileira de Agências de Intercâmbio, está nos planos de 75% dos estudantes fazer um intercâmbio. Dada a estrutura que temos, quantos destes conseguirão concretizar seu objetivo?

Não menos importante, a dificuldade na imersão do idioma também deve ser apontada, uma vez que grande parte da população tem acesso limitado a materiais de qualidade que auxiliam de forma prática o processo de aprendizagem.

QUESTÕES PESSOAIS

Há também os desafios pessoais que impactam no aprendizado de uma segunda língua. Como diz BAUMAN (2008 p. 8):

"Medo é o nome que se dá à incerteza, à ignorância do que se deve, do que se pode ou do que não se pode ser feito, que termina por nos ameaçar. E que para fazê-la parar ou enfrentá-la está além do nosso alcance."

Muitos são paralisados pelo medo; medo de falar errado, de pronunciar mal as palavras, de não conseguir aprender, de travar na hora de falar. Este temor pode ser agravado por dificuldades na compreensão auditiva e nas leituras básicas e avançadas. Pode ser difícil entender falantes nativos que falam em ritmo acelerado, expressões idiomáticas, compreender textos mais complexos e técnicos em inglês ou mesmo entender diferentes sotaques e dialetos do inglês falados por pessoas de diferentes regiões. Segundo a autora e mobilizadora cultural Lígia Velozo Crispino:

Temos medo de errar, de não falar bem, de sermos julgados. O medo consome a nossa energia!
A vergonha é prima do medo. Sentimos vergonha quando nossa imagem é ameaçada, quando nos sentimos rejeitados ou humilhados. É uma emoção negativa intensa. Sentir vergonha é, em grande parte, o resultado de um processo de aprendizagem social.
Ao longo da nossa vida, experiências como ser criticado, punido, elogiado, desprezado, bem cuidado ou maltratado foram nos passando recados de como somos. Aprendemos qual é nosso valor a partir dessas experiências.
A vergonha extrai seu poder do fato de não ser compreendida. Essa é a razão pela qual ela não deixa os perfeccionistas em paz — é tão fácil mantê-los calados! Se você não tolera o erro, persegue a perfeição, terá muita vergonha quando sentir que está sendo julgado. Porém, se desenvolvemos uma consciência dessa vergonha, conseguimos reduzi-la. (CRISPINO, 2021)
Há também as dificuldades quanto as estratégias e métodos de aprendizado. São abundantes os métodos de ensino inadequados ou desatualizados que prejudicam a compreensão e a motivação dos alunos, dificultando a criação de um plano de estudos eficiente e técnicas de aprendizado adequadas. Outros fatores importantes a considerar são:

- Autodisciplina
- Boa administração do tempo
- Dificuldade ortográfica
- Dificuldade fonética
- Baixo nível de interesse
- Pouca afinidade com o idioma
- Falta de imersão linguística.

Todos esses são pontos de extrema relevância no que tange ao aprendizado de uma segunda língua. Sem dúvidas, são diretamente proporcionais ao fato de que apenas 5% dos brasileiros falem um segundo idioma e apenas 3% sejam fluentes no inglês.

EM FOCO – CIEJA PERUS

Como exemplo prático das dificuldades de aprendizagem de uma segunda língua, consideremos os desafios e estratégias de enfrentamento vivenciados em uma das unidades educacionais da cidade de São Paulo, o CIEJA Perus I.
A criação dos CIEJA'S (Centros integrados de Educação de Jovens e Adultos) se deu através do Decreto n° 43.052/03 que esclarece sobre o processo educativo:
Seus princípios, diretrizes, objetivos, organização curricular e avaliação concretizam a garantia de acesso e permanência de Jovens e Adultos ao sistema formal de Educação Básica, garantindo-lhes a qualidade social dessa educação. Seus grandes pilares são a valorização do mundo do trabalho e da cultura pela ótica antropológica e sócio histórica. (SANTOS, 2008 p. 47).
Estas unidades visam oportunizar a formação escolar para os cidadãos que não tiveram acesso ou condições apropriadas para concluir o ensino fundamental. Em todas elas, o objetivo é promover ações educativas, respeitando a realidade da comunidade em que os educandos estão inseridos e potencializando seus conhecimentos e habilidades.
Em uma dessas, o CIEJA PERUS I, encontramos um trabalho com destacada representatividade no que tange a imigrantes e aos idiomas que falam. É como declara Ana Karla, escritura do blog singularidades:
Perus se configura como um local de luta e de resistência histórica e geograficamente e, como tal, carecia de um equipamento público que garantisse o ingresso e a permanência de jovens e adultos que, por algum motivo, não tiveram a oportunidade de concluir o Ensino Fundamental na "idade certa". (KARLA, 2019)
Aos poucos, a unidade educacional passou a ser conhecida pela comunidade local, além de bairros e pequenos municípios próximos. Desde sua inauguração em 2016, algo notório é a grande quantidade de haitianos atendidos, o que atualmente equivale a um terço dos estudantes.
Acolhendo com respeito e afetividade aos alunos e a comunidade, a unidade educacional nos inspira no que diz respeito as possibilidades no ensino de uma nova língua, apesar dos desafios encontrados. Reflexo deste trabalho, é demonstrado na pesquisa intitulada "Deslocamentos e fronteiras: um estudo etnomatemático com haitianos em

uma escola pública de São Paulo", na Faculdade de Educação da USP. Nela, a pesquisadora Marília Prado define a escola pela diversidade cultural em seu grupo de alunos, onde fica destacado que:

A língua é uma barreira e os alunos haitianos recorrem ao Cieja para aprender o português. Mas, como destaca a pesquisadora, muitos deles têm ensino médio completo ou graduação. Ainda assim, continuam indo para o Cieja para aprender a nossa língua. "E o aprendizado vem junto com outras coisas, com conhecimento da realidade ou entender os códigos da vida. Como ele vai procurar um emprego? Dependendo do lugar que ele vai trabalhar, ele vai precisar falar", descreve Marilia. (ROSABONI, 2022)

Para auxiliar no contato e aprimoramento da Língua Portuguesa, o planejamento das aulas tem como base a necessidade do uso social da língua, uma barreira a ser superada.

Sobre esta forma de conduzir o trabalho, entendemos como afirma Assis:

A questão jurídica é superada em cerca de uma semana – mas já foi de até 2 meses, porém, os entraves advindos do contato com a língua portuguesa não têm e não pode ter, um prazo para que os sujeitos possam se afirmar em uma situação tranquila. A população haitiana tem como língua materna o Kreyòl Ayisyen, crioulo haitiano e apenas cerca de 5% dominam o francês, apesar de as duas línguas serem oficiais de acordo com a Constituição do País. Devido à experiência em mobilidade para a República Dominicana, muitos têm fluência em espanhol, majoritariamente os homens, enquanto as mulheres são, em sua maioria, monolíngues, falantes apenas do Kreyòl. (COTINGUIBA, SANTOS, ASSIS, 2015, p. 45).

Além do currículo, a escola propõe projetos que valorizem as relações interculturais, objetivando o bom relacionamento e a troca de conhecimentos e experiências entre brasileiros e imigrantes. Um dos destaques é o projeto "Festa da Cultura Brasileira e Haitiana", incluído no PPP (Projeto Político Pedagógico) da unidade e apresentando e valorizando elementos culturais de ambos os países.

Em resumo, a unidade educacional aceitou o desafio pedagógico de reestruturar-se para promover uma educação equalitária, permitindo que os educandos sejam sujeitos de direitos, munidos de uma educação que contemple além do ensino da língua, resultando em uma sociedade mais inclusiva, empática e respeitosa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em resumo, vimos que são muitas as dificuldades inerentes ao processo de aprendizagem de uma segunda língua em nosso país. Quando consideramos os aspectos culturais, sociais e pessoais que a questão abrange, entendemos que todos podem contribuir ativamente para a mudança desse cenário e, como educadores, temos como responsabilidade conscientizar outros a respeito desta necessária mudança. Afinal, como defende Kenski (2003), "um mundo em rede exige que tenhamos conhecimentos razoáveis de idiomas estrangeiros, entre os quais, no atual quadro brasileiro, o inglês e o espanhol tornam-se fundamentais" (p. 89).

O ponto de partida para a ação é o pensamento. Quando pensamos em algo que nos emociona, somos compelidos à tomada de atitude. Partindo desse princípio, é preciso pensar positivamente a respeito do aprendizado de uma nova língua. Não se trata do pensar positivo de forma abstrata. É pensar sobre o impacto positivo que essa aprendizagem trará para mim, para o outro e para a sociedade que vivemos. É preciso pensar que é possível, é importante, é necessário e é benéfico. Como disse Strecht-Ribeiro (1998, p.26):

a aquisição de uma outra língua (...) é o melhor meio para captar os aspectos específicos da L.M. e para compreender o serviço que ela presta ao pensamento (...) A experiência vivida com dois sistemas linguísticos diferentes parece atribuir-lhe uma maior flexibilidade mental, superioridade na formação de conceitos e uma variada gama de capacidades mentais.

Para tanto, a educação brasileira defende por meio da Lei nº 46/86 de 14 de outubro que:

Assegurar uma formação geral comum a todos os portugueses que lhes garanta a descoberta e o desenvolvimento dos seus interesses e aptidões, capacidade de raciocínio,

(...) sentido moral e sensibilidade estética, promovendo a realização individual em harmonia com os valores da solidariedade social; (Artigo 7.º, alínea a).

A mesma lei ainda prevê que seja garantida aos alunos "a aprendizagem de uma primeira língua estrangeira e a iniciação de uma segunda;" (Artigo 7.º, alínea d).

Quanto aos aspectos culturais, contribuímos positivamente quando deixamos de lado nossos preconceitos estabelecidos de que uma segunda língua é muito difícil de ser aprendida, não é prática ou, que é cedo demais para aprendê-la. O ensino e a alfabetização bilíngue podem e devem começar desde cedo. Há de ser defendido e oportunizado como defende Figueiredo (1997, p.127):

A idade do indivíduo é um dos fatores que determinam o modo pelo qual se aprende uma língua. Mas as oportunidades para a aprendizagem, a motivação para aprender, e as diferenças individuais são também fatores determinantes para o sucesso na aprendizagem.

A vulnerabilidade social que nos cerca, faz com que o acesso e o interesse ao ensino decaiam. Para confrontar esta realidade, é preciso pensar no que posso contribuir. É verdade que sozinho nenhum educador conseguirá mudar toda uma estrutura precária de ensino, mas, em minha atuação, o que posso mudar para facilitar, motivar e cativar meus educandos? O que posso propor que os ajude efetivamente no processo de ensino-aprendizagem? Se não posso mudar toda a realidade social, como posso impactar a vida dos que me rodeiam? É preciso pensar fora da caixa e fazer bom uso dos recursos que temos à nossa disposição como aliados, sejam eles materiais, tecnológicos ou estratégicos. Nesse sentido, a ludicidade é excelente ajudadora como diz Luckesi (2014, p. 18):

A ludicidade é um estado interno, que pode advir das mais simples às mais complexas atividades e experiências humanas. Não necessariamente a ludicidade provém do entretenimento ou das "brincadeiras". Pode advir de qualquer atividade que faça os nossos olhos brilharem.

Fazer os olhos brilharem deve ser nosso objetivo como educadores. Mas, para produzir interesse e encantamento no outro é preciso que o "brilho" esteja primeiramente em nós, para que seja refletido.

Com coragem, boa vontade e muito trabalho é possível vencer o medo, a vergonha, a apatia e todos os muitos obstáculos a aprendizagem de uma segunda língua. O caminho da mudança não é linear e pode não ser tão rápido quanto gostaríamos, mas ele começa em nós, do interior para o exterior, da conscientização para a atitude. Que façamos nossas as palavras e o objetivo expresso pelo grande educador Paulo Freire:

Há uma relação entre a alegria necessária à atividade educativa e a esperança. A esperança de que professor e alunos juntos podemos aprender, ensinar, inquietar-nos, produzir e juntos igualmente resistir aos obstáculos a nossa alegria. (FREIRE 2023, pág. 70)

Que assim seja!

REFERÊNCIAS

Bauman, Zygmunt. Medo líquido. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

BORGES, Noslen. "Português no Brasil é reflexo da história do país"; ONU News. Disponível em: https://news.un.org/pt/story/2023/02/1810182. Acesso em 26 de março de 2024.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua estrangeira/Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.

Conselho da Europa. (2001). Quadro europeu comum de referência para as línguas – Aprendizagem, ensino, avaliação. Vila Nova de Gaia: Edições ASA.

"Descubra o que está por trás do seu medo ou vergonha de falar inglês"; Exame, 2021. Disponível em: "Descubra o que está por trás do seu medo ou vergonha de falar inglês"; Exame, 2021. Disponível em: https://exame.com/carreira/medo-vergonha-falar-ingles/. Acesso em 03 de setembro de 2024.Acesso em 03 de setembro de 2024.

FIGUEIREDO, F. J. Q. de. Aquisição e aprendizagem de segunda língua. Signótica, Goiânia, v. 7, n. 1, p. 39–58, 2009. DOI: 10.5216/sig. v7i1.7380. Disponível em: https://revistas.ufg.br/sig/article/view/7380. Acesso em:

28 mar. 2024.
FILHO, Floriano. “O aprendizado de línguas estrangeiras no Brasil está muito abaixo do desejado”; Rádio Senado. Disponível em: https://www12.senado.leg.br/radio/1/educacaofederal/2021/12/06/o-aprendizado-de-linguas-estrangeiras-no-brasil-esta-muito-abaixo-dodesejado. Acesso em 26 de março de 2024.
FREIRE, Paulo. Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa.75° Edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2023.
GARCIA, Bianca. “Línguas mais faladas no mundo em 2024”; Língua Edu. Disponível em: https://lingua.edu/pt-br/linguas-mais-faladas-no-mundo/. Acesso em 09 de setembro de 2024.
GÓES, M. C. R. As relações intersubjetivas na construção de conhecimentos. In: GÓES, M. C. R.; SMOLKA, A. L. B. (orgs.). A significação nos espaços educacionais: interação social e subjetivação. Campinas: Papirus, 1997. p.11-28
Gonçalves, I. (2003). O ensino precoce de uma língua estrangeira no 1.º ciclo do ensino básico como fator de sucesso da aprendizagem da língua materna. Coimbra: Instituto Politécnico de Coimbra.
HENRIQUE, Luiz. “As 20 maiores dificuldades para se aprender inglês no Brasil”; Linkedin. Disponível em: https://pt.linkedin.com/pulse/20-das-maiores-dificuldades-para-se-aprender-ingl%C3%AAs-brasil-henrique-. Acesso em 26 de março de 2024.
KENSKI, V. M. As Instituições Culturais de Memória na Era da Reprodutividade Eletrônica. São Paulo: Unicamp, 2003.
KARLA, Ana. “Uma proposta de ensino, luta e resistência: conheça o CIEJA Perus I”; Blog Singularidades. Disponível em: https://blog.institutosingularidades.edu.br/uma-propostade-ensino-luta-e-resistencia-conheca-o-cieja-perus-i/. Acesso em 28 de junho de 2024.
Lei n.º 46/86 - Diário da República, 1.ª série – N.º 237 – 14 de outubro de 1986.
Assembleia da República. Lisboa.
LUCKESI, Cipriano. Ludicidade e formação do educador. Revista Entreideias:
educação, cultura e sociedade, v. 3, n. 2, 2014.
“O ensino da língua inglesa no Brasil”; BLOG Flexge, 2022. Disponível em: https://blog.flexge.com/ensino-ingles-brasil/. Acesso em 27 de março de 2024.
OLIVEIRA, Caroline. “Intercâmbio e as novas tendências do setor.”; Basilturis. Disponível em: https://brasilturis.com.br/2023/10/24/intercambio-e-as-novas-tendencias-dosetor/. Acesso em 28 de março de 2024.
PEREZ, Luana Castro Alves. “História da língua portuguesa no mundo”; Brasil Escola. Disponível em https://brasilescola.uol.com.br/gramatica/historia-lingua-portuguesa-nomundo.htm. Acesso em 26 de março de 2024.
ROSABONI, Camilly. “A educação como recomeço para brasileiros e haitianos na periferia de São Paulo”; Jornal da USP. Disponível em: https://jornal.usp.br/diversidade/aeducacao-como-recomeco-para-brasileiros-e-haitianos-na-periferia-de-perus/. Acesso em 28 de julho de 2024.
Strecht-Ribeiro, O. (1998). Línguas Estrangeiras no 1.º Ciclo: razões, finalidades, estratégias. Lisboa: Livros Horizonte.
TAVARES-SILVA, T. Mediação pedagógica, nos ambientes telemáticos, como recurso de expressão das relações interpessoais e da construção do conhecimento. 2003. 203 f. Dissertação (Mestrado em Educação: Currículo) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2003.
“Você está entre os 11 milhões de brasileiros que falam inglês?”; Passaporte Idiomas, 2020. Disponível em: https://passaporteidiomas.com.br/voce-esta-entre-os-11-milhoes-debrasileiros-que-falam-ingles/. Acesso em 27 de março de 2024.